



Figura 1: Fachada do Hospital Termal.

Portugal tem uma riqueza grande em recursos de água mineral natural, o que favorece a aposta no termalismo como sector de actividade nas áreas da saúde e do turismo.

## O património das termas

Efectivamente, o nosso país dispõe de condições de excepção: a mais completa variedade de tipos de água mineral natural da Europa e condições climáticas favoráveis que facilitam o funcionamento anual das estâncias termais. De uma forma particular, o seu património cultural, artístico, paisagístico e gastronómico é um factor de excelente enquadramento da actividade termal, com base nas tendências actuais e na necessidade de captar uma procura externa face à posição periférica de Portugal na Europa. Estas condições devem estimular o investimento nos equipamentos e serviços (realizado de uma forma integrada, simultaneamente numa dimensão local, mas também, quando possível, numa perspectiva regional) e no ensino e na investigação. Será esta a chave para a sobrevivência económica, científica e técnica do termalismo português, como sector válido na saúde e no turismo. A sua história regista diferentes combinações entre as funções lúdica e terapêutica, com predomínio de uma ou outra, mas, hoje em dia, a solução passa efectivamente por estabelecer um equilíbrio entre ambas as partes, favorecendo em cada uma das estâncias o que de melhor podem potenciar como oferta de saúde

e turismo – na qual o seu património termal é um dos elementos importantes a preservar, nas suas vertentes geológica, ambiental, arquitectónica, médica e ritualística.

### O MICROCOSMO TERMAL

A viragem do séc. XIX para o séc. XX representou o período da construção de uma grande parte das estâncias termais, em resultado da regulação legislativa do sector, estabelecida em 1892, e da vontade dos investidores em aproximarem o nosso país às práticas já desenvolvidas noutros países europeus. Nascidas das águas, as novas estâncias preencheram-se de equipamentos essenciais à actividade termal: balneários, *buvettes*, hotéis, clubes, casinos, parques e alamedas. A arquitectura termal foi marcada por uma morfologia própria, por vezes romântica, mas obedecendo à sua especificidade funcional.

A origem organizada das estâncias termais e a sua evolução estiveram sempre ligadas à função terapêutica. Independentemente da sua dimensão, as nascentes e os aglomerados constituem sistemas onde se estabelecem inter-relações de carácter funcional, estético, cultural e patrimonial. A sua particularidade espacial é conferida, sobretudo,

pela existência de equipamentos comuns e pela própria disposição da malha urbana e a relação que nesta estabelecem os diferentes edifícios e espaços públicos exteriores. Uma estância é, pois, composta pelos equipamentos induzidos pela actividade termal e por todas as estruturas que se lhes juntam, de forma a permitir uma estada agradável e uma ocupação diversificada, já que a expressão do lugar tem repercussões psíquicas, afectivas e culturais, bastante complexas, que contribuem para o equilíbrio biológico e para o efeito terapêutico, tal como para o relacionamento social que o encontro nas termas proporciona aos seus utentes.

Trata-se de um espaço revelador de imagens profundamente ritualizadas, cujo suporte é o próprio espírito do sítio identificado pela sua ordem, identidade, ambiência, ou seja, o seu carácter de imaginabilidade, que assenta no significado cultural construído por componentes históricas, geográficas e sociais.

Torna-se indispensável a protecção das nascentes, do ambiente e do equilíbrio biofísico da área incluída no perímetro termal das estâncias termais. Estas são lugares de reencontro com a natureza. Por isso, devem ser preservadas nos seus recursos e dotadas de todas as infra-estruturas básicas para o seu pleno funcionamento. O desenvolvimento do termalismo em Portugal exige que sejam respeitadas as medidas delineadas para a protecção dos recursos aquíferos e ambientais, sem a qual as estâncias perderão a essência da sua vocação. Esta matéria traduz-se tão importante quanto se identifica este património com a própria existência da actividade termal e com as potencialidades das estâncias em matérias ligadas também à geotermia, ao climatismo e ao ecoturismo.

### A SALVAGUARDA DOS TESTEMUNHOS

Para além dos aspectos ambientais, a salvaguarda do património edificado e móvel torna-se determinante para o enquadramento cultural e turístico das termas portuguesas. Muitas das obras realizadas recentemente ti-

veram como objectivo a modernização e a ampliação da oferta termal, o que resulta em projectos de transformação do espaço do balneário termal e a consequente remoção dos equipamentos hidrológicos (datados de finais do séc. XIX a meados do séc. XX, e por isso considerados obsoletos para as actuais práticas de saúde e lazer) e a sua substituição por novos aparelhos e tecnologias. A análise dos projectos de arquitectura e os trabalhos de intervenção no espaço termal não são acompanhados por especialistas em património e museologia, daí que a grande maioria dos testemunhos é removida e, por vezes, destruída sem se ter em conta a sua salvaguarda.

O conhecimento e a caracterização do património termal pressupõem a realização de legislação, trabalho que deve ser concretizado por diferentes organismos, que pela natureza das suas competências se relacionem com o universo termal. Na base dessa legislação estará um levantamento a nível nacional, com acções que vão desde o inventário, caracterização e classificação do património ambiental (recurso hidrológico, paisagem, parques termais), do património edificado (balneários, *buvettes*, hotéis, casinos, edifícios de engarrafamento de águas, capelas, etc.) e

o património móvel (artístico, mobiliário, instrumentos médico-científicos, equipamentos hidrológicos, equipamentos industriais, documentação técnica ou administrativa, fotografias, filmes, etc.), tarefa que deverá ser articulada com as diferentes entidades de tutela e concessionários. O documento deverá estabelecer as áreas de protecção, as obrigações e os compromissos das diferentes tuteladas, bem como as estratégias de salvaguarda do património remanescente.

A valorização do sítio termal, a integração dos testemunhos, a preservação das vivências e dos rituais dos aquistas são actualmente objecto de reflexão cuidada por parte dos museus termais. No entanto, cada instituição tem criado a sua própria abordagem de salvaguarda, de pesquisa e de divulgação do património termal. Esta multiplicidade de



Figura 2: Casa da Copa do Hospital Termal.

iniciativas terá que ser acompanhada por uma confrontação de experiências e de análises, para um aprofundamento entre todos os intervenientes no termalismo, bem como pela criação de uma rede mundial de museus termais. Em Portugal, a museologia aplicada ao termalismo é uma área recente, mas com profunda responsabilidade na defesa patrimonial, estética, memorial e educativa do universo termal português.

#### CALDAS DA RAINHA: PATRIMÓNIO DAS ÁGUAS

Nesta matéria, Caldas da Rainha assume um papel inquestionável como Património das Águas, tendo em vista a salvaguarda e valorização do seu centro histórico e património termal, a sua afirmação urbana estratégica e a constituição de um processo de classificação patrimonial.

Algumas estâncias termais podem ser representativas da história e da universalidade do termalismo no mundo. Mas nenhuma outra pode conjugar, em simultâneo, os recursos hidrotermais de características únicas e uma história ligada ao primeiro hospital termal do mundo, a um acto misericordioso, a uma raiz urbana, à assistência aos pobres e à vilegiatura de reis e aristocratas. A História Termal das Caldas da Rainha responde ao espírito da Convenção de 1972, enquanto bem com valor universal e interesse excepcional.



Figura 3: Sala de inalações.

É por estas razões que Caldas da Rainha pode, pela primeira vez, alargar a lista da UNESCO aos recursos hidrotermais e à História Comparada do Termalismo.

A água torna-se o elemento central desta candidatura e, como recurso esgotável para a permanência de uma actividade milenar em torno das águas termais, deve ser o primeiro elemento de valor patrimonial a atender, em todo o seu ciclo. Trata-se, assim, de reforçar a singularidade e a pertinência desta candidatura.

A inclusão na Lista do Património Mundial dos recursos hidrotermais das Caldas da Rainha e do património associado à História do Termalismo não só se justifica como distinção simbólica mas, sobretudo, como resposta à estratégia global da UNESCO na diversificação de bens a classificar. Em termos locais, a classificação não pode deixar de ser vista como estratégia que visa reforçar a competitividade da cidade com objectivos bem definidos e um contributo para o relançamento do termalismo e a sua divulgação. Recorrer à figura do património mundial é mobilizar solidariedades e empenhos capazes de apoiar a valorização do património e a afirmação da cidade e da sua raiz fundadora, mas também como prestígio e factor de visibilidade para o termalismo nacional. Pedra & Cal

**HELENA GONÇALVES PINTO,**  
Licenciada em História e mestranda em  
Museologia e Património, coordenadora  
do Museu do Hospital e das Caldas  
(Caldas da Rainha);  
**JORGE MANGORRINHA,**  
Arquitecto e Mestre, vereador da  
Câmara Municipal das Caldas da Rainha.